

Teatro-Crítica



O diretor Roberto Ibarquem e o elenco de O Porco Ensanguentado: uma das piores apresentações da 4ª Mostra de Teatro.

4ª Mostra de Teatro Universitário: O Princípio do Fim

A 4ª Mostra de Teatro Universitário, se é que o que aconteceu no Teatro Carlos Gomes pode ser qualificado de Mostra, provou que os universitários foram infelizes nesta Mostra. Essa Mostra, para quem viu as três anteriores só faz lembrar um velho dito popular que, modificado reflete o sucesso de todas as seis peças apresentadas: Uma vez Um Tango Argentino e a 1ª Mostra, Jamais O Túnel e a 4ª Mostra.

Todos os grupos que num esforço em conjunto, diga-se de passagem inútil, tentaram mostrar o que havia de melhor, acabaram caindo no ridículo na tentativa de fazer um espetáculo coeso e a nível profissional. Na certa alguns dirão: mas esta foi a nossa primeira experiência no teatro, dias melhores virão. Mas estão enganados. Pelo o que aconteceu na semana passada no Carlos Gomes, pode-se ter certeza de que todos eles com exceção dos alunos do D.C.E. — esgotaram o último carfúcho de talento, portanto é melhor parar enquanto é cedo. E claro, que, quando digo parar, é de uma forma generalizada, com exceção de alguns participantes, que se continuarem na certa acabarão alcançando o estrelado fazendo ponta em Carga Pesada ou Plantão de Polícia, mas jamais em Aplauso.

Nas Mostras anteriores, os grupos se defrontavam com a presença de seu coordenador-mor, o insistente Gilson Sarmiento, e por mais estranho que possa parecer, desta feita ele, num ataque de modesto-estrelismo, preferiu ficar de fora, ficando a seu encargo somente a parte burocrática: mandar as peças aos censores em Brasília, cuidar na inexistente publicidade (salvo nos postes), e outras tarefas dignas do próprio. Se o sr. Gilson Sarmiento não foi tão atuante nesta Mostra, o público foi quem lucrou com isso, caso contrário a desgraça seria muito maior; já que o seu sonho é fazer da Mostra um espetáculo digno de concorrer ao Prêmio Molière, ou ao Troféu Insistência, a ser ofertado por alguma instituição de caridade.

Em uma análise de cada peça apresentada, fica difícil saber qual delas conseguiu ser a pior. Desde a primeira O Porco Ensanguentado a Murro em Ponta de Faca, a disputa foi mais forte que um Fla-Flu no Maracanã.

O Porco Ensanguentado — ou Quanta Falta Faz Papal Noel. A montagem desta peça de Consuelo de Castro, pelo Diretório Acadêmico do Centro de Estudos Gerais, tinha como objetivo mostrar a vida de cinco mulheres de todas as classes, crenças e comportamentos em um mundo completamente machista, no qual era reservado à mulher o simples papel de adorno e objeto de prazer sexual.

As cinco mulheres desta montagem (Márcia Ribeiro, Inês Marques, Ana Maria Guterres, Laura Lustosa e Gerusa Ney), ficaram durante todo o desenrolar da ação disputando qual seria a pior, qual cairia primeiro do palco, qual conseguiria fazer da tragédia uma pirochanchada da Embrasilme.

Segundo uma participante, os diretores Roberto Ibarquem e Teodora Bragato se dispuseram de cerca de dez meses para preparar as universitárias iniciantes (com exceção de Laura Lustosa) na arte de representar. Pensando bem, dez meses é tempo necessário para se montar uma superprodução — cenários, marcação, sonoplastia, etc — e nesse tempo, o que os pseudodiretores conseguiram, foi colocar no palco cinco alunas da UFES brincando de recitar versinhos, só que um tanto quanto fortes para uma aluna de ginásio do interior.

De todo o elenco, as que mais se destacaram foram em primeiro lugar Laura Lustosa, que com sua pouca experiência em teatro, foi fiel a seus conhecimentos, não tentando ir além deles e da sua própria capacidade. Laura, faz do seu personagem, sofrido e com tendência ao lesbianismo, uma ótima oportunidade de roubar todas as cenas. Em segundo lugar vem Maria Inês Marques, que nesta sua estréia, pecou em tentar chamar para si todas as atenções através dos movimentos necessários e da própria personalidade do personagem. Inês se esqueceu que, talvez devido à sua falta de experiência, para roubar uma cena ou todo o espetáculo, é necessário primeiro saber pisar no palco, para depois não vir se ocultar atrás da desculpa torpe de que esta era a sua primeira aparição no teatro.

O Censor e a Multidão — ou um concerto de dança com fundo cômico, triste e apolítico. O Diretório Acadêmico do Centro Tecnológico, atacou com um texto político, mas só conseguiu fazer do espetáculo uma apresentação de circo de 3ª classe, a começar pela nobreza do cenário (pura falta de criatividade), e pela direção conjunta, uma Mostra clara de que nenhum dos participantes queria ser responsável pelos resultados da tentativa.

Dos dois atos de O Censor e a Multidão, é impossível de se saber qual foi o pior. Toda ação, mesmo com o intervalo de mais de cinco minutos, se passou em menos de vinte minutos, minutos esses inúteis. Toda encenação poderia, e deveria ter sido feita em menos de quinze minutos.

Como chefe de Governo, José Azevedo de Carvalho Filho, tentou demonstrar como não se deve atuar e como ser tropeçante. O mesmo colocava seu secretário, Felisberto S. da Costa, perdido em suas próprias frases. Os outros participantes: Graziella Debané, José Augusto Gava e Tadeu Zanotelli, serviram para completar os espaços vazios do palco. Decepcionantemente, todos, sem exceção ofenderam o pequeno público ao querer representar um texto teatral de pouco valor artístico.

O Túnel — ou quando tudo sai errado, e todos notam. Como o folheto explicativo diz, a peça propunha uma análise crítica do processo histórico desencadeado a partir do Golpe Militar de 64 por meio de uma comparação com um engarrafamento, em um túnel,

causado por uma brusca mudança de mão.

Esta pode ter sido a proposição do autor Dias Gomes, só que os representantes do Diretório Acadêmico do Centro Biomédico não prestaram muita atenção no que pretendia o autor. Todo o elenco foi vaiado pelos espectadores que ficaram saturados de tantos palavrões durante o desenrolar da ação. Como um dos personagens diz: "Isso é uma brincadeira de mau gosto" naturalmente referindo-se ao engarrafamento; o público se tranquilizou, pois ficou sabendo da proposição do elenco de fazer do texto de Dias Gomes uma comédia Janetecleriana.

Do elenco, o destaque maior ficou por conta de Marcos César Santolin, que mostrou como se deve decorar o texto e não tropeçar no mesmo. Ele, de toda a Mostra, foi o único capaz de se manter mais natural possível no palco. O mesmo Marcos repetiu a dose no dia seguinte, ao comandar todo o elenco de São Mateus Colônia.

Para dar o toque necessário e significativo à apresentação, Antonio Claudino de Jesus — responsável pelo figurino e cenário — colocou no palco o símbolo máximo que representa toda a 4ª Mostra: Uma Sucata. E para completar as homenagens, foi atirado no público o equivalente ao que foi a montagem e a direção de Marcos César Santolin: Uma bomba. Caso a montagem de O Túnel fosse feita por alunos de Artes Plásticas, o cenário seria justificável, pois eles estariam em plena aula de A.E.M.E. (Análise e Exercício de Material Expressivo), e seriam perdoados.

São Mateus Colônia — ou como transformar um escravo em um líder antiprogressista. Sobre o trabalho de Rogério Medeiros, podemos dizer que foi válido em termos de criatividade e de pesquisa, mas que perderia o seu significado não fosse a participação de Balé Aplicado, sob o comando de Denise Marques. O texto — a partir do momento em que os atores sobem no palco — se tornaria monótono, cansativo e caótico, não fosse a pesquisa musical de Urubatan Medeiros, também responsável pela direção geral, o que para ele, na certa, deve ter consistido em uma tarefa mais difícil que conter a inflação brasileira. O elenco esteve o tempo todo perdido nas frases pré-decoradas, os tropeços foram constantes e notórios.

A primeira parte, que

Por Cleo Peixoto de Oliveira.



Fanny Blencourt (O Novo), a grande ausência da última Mostra.



Fablola Limeira e José Maria em Um Tango Argentino da 1ª Mostra: quando o teatro universitário era levado a sério.



Robson Silveira — diretor e ator de O Leiteiro e a Menina Noite: passivo em ambas as atuações.

uma obra de Shakespeare, talvez Hamlet, tal montagem receberia o Oscar Inovação, por ser transformada em uma Opera-Comédia. O resto do elenco ficou passeando no palco, brincando de roda, dormindo e recitando versinhos de João das Neves. A direção de Robson Silveira inexistiu. Eussa Gil é a soma de toda a vontade do elenco se fazer uma obra perfeita, nada mais pode ser dito sobre O Leiteiro e a Menina Noite.

Murro em Ponta de Faca, De Augusto Boal. A pretensão de Boal em escrever essa peça, foi de expor a exata e pungente condição do exilado, do horror das perseguições, da promiscuidade dos refúgios, do andar em círculos daqueles a quem se nega pouso, pátria, raiz; e parte disso foi conseguido pelos alunos do Grupo de Teatro do Diretório Central dos Estudantes — D.C.E.

Sob a direção de Eussa Gil, que encabeçou o elenco, o grupo se esforçou para não fazer aquilo que os demais grupos fizeram: brincar de teatrinho. As participações de Eussa Gil (Maria) e Arceli de Castro (Paulo) mostraram que não pretendiam recitar versinhos e sim dar vida ao texto.

Eussa, ao falar, conseguia, involuntariamente, transformar o texto em um monólogo e roubar cenas dos demais participantes. Arceli conseguiu ser coerente ao seu personagem, alegre-triste e acompanhado-solitário. Os demais fizeram número, nada mais. Suas atuações foram tão comuns que não merecem qualquer menção.

poderia ser chamada de primeiro ato, foi, além de confuso, uma brincadeira muito comum nos Estados Unidos. No Dia das Bruxas, crianças americanas se caracterizam para o dia e saem de porta em porta pedindo dinheiro e doces. A primeira parte de São Mateus Colônia nos faz lembrar tal festividade, apenas com uma diferença: o elenco dá voltas pela platéia pedindo compaixão e tolerância para as grandes falhas.

Quem estava sentado nas últimas cadeiras, recebeu de presente pingos de vela e batidas de corrente no encosto das cadeiras. Creio que isso pode ser chamado de involuntariedade proposital. O elenco pretendia acordar a platéia, e faz-la participar no desenrolar da ação. Isso é que pode ser chamado de participação ativa.

O leiteiro e a Menina Noite